

## **DIALOGIZAÇÃO COM E A PARTIR DA LEITURA: CRIANÇAS E ADOLESCENTES PROTAGONIZANDO SABERES**

SÔNIA BARRETO DE NOVAES PASCHOAL.

### **Resumo**

O presente artigo traz uma reflexão sobre os constantes fracassos nas realizações de rodas de histórias e sobre a prática de sucessivas tentativas de proporcionar as crianças e aos adolescentes em situação de abrigo, vivências culturais a partir da leitura, a qual nos leva a questionar a própria abordagem prevalecente, ou seja, a prática de uma mediação cultural e de leitura que afinal não alcança, de maneira generalizada, seu propósito: proporcionar a emancipação daqueles por meio da apropriação simbólica e, conseqüentemente, o protagonismo cultural e informacional. Considerando as rodas de histórias e posteriormente as oficinas de leituras como dispositivos culturais os quais discursam com essas crianças, as ações passaram a ser conduzidas de modo a dialogarem com o sujeito, pensando na sua individualidade, retirados do grupo, daí a atenção personalizada à criança e ao adolescente que estão passando por uma situação de abrigo. Na dialogia bakhtiniana e por meio da metodologia colaborativa de pesquisa, encontramos a possibilidade de uma outra abordagem. A essa aproximação deu-se o nome de mediação cultural dialógica, uma prática pautada no diálogo, em aberturas, caracterizada pela responsabilidade e ética diante do ser humano, pela não-finalização e, enfim pelo continuum entre campo e teoria; sujeito e obra.

### **Palavras-chave:**

Mediação de Leitura, Dialogismo, Situação de Abrigo.

*Ser significa comunicar-se dialogicamente.*

*Quando termina um diálogo, tudo termina.*

Todorov

## **Por que Mediação Cultural Dialógica**

Enfocando textos governamentais, como o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) que determinam direitos a serem consolidados pelas instituições diretamente vinculadas a infância e adolescência, mas que, por outro lado, devem ser também defendidos pela sociedade como um todo, observa-se a necessidade de criar dispositivos, sejam eles culturais e também informacionais, que atendam tanto às questões pragmáticas quanto às questões de ordem teórica, viabilizando e estabelecendo a argamassa da construção de conhecimentos necessários ao saber viver.

Observa-se, por meio das vivências e por meio de textos científicos publicados sobre abrigos, que a assistência a crianças e adolescentes se dá por satisfeita quando atendidas as necessidades básicas (alimentação, um local pra dormir e tomar banho). Quando muito, extrapolam essas necessidades e atendem aos quesitos entretenimento, ou seja, estamos diante de um quadro *panis et circensis*, no qual pão e divertimento são necessários à vida. E a cultura? E a educação? Como são vivenciadas nesses contextos?

A educação é condição da existência humana, uma condição determinada pelo nascimento e regada de responsabilidades que implicam decisões de amor concretizado em gestos e atos.

A cultura, em suas diferentes manifestações, por sua vez, sob a égide da sociedade midiática, tende com frequência a se esvaziar, transformando-se em entretenimento, muitas vezes em mero espetáculo audiovisual. Acresceu-se a esse aspecto, a concorrência a falta de oportunidades ao acesso a dispositivos culturais variados do ponto de vista quantitativo e qualitativo. Assim, crianças e adolescentes em situação de abrigo, em especial, vivem uma série de limitações às suas disposições, interesses e possibilidades de vivências culturais, sofrendo uma série de limitações com implicações diretas na formação de competências e atitudes nos processos de apropriação cultural. Diante disso, faz-se necessário o enfrentamento de tal problemática, torna-se necessário lançar mão de ações que viabilizem tanto o acesso, quanto a apropriação de conteúdos da cultura, tendo em vista a participação afirmativa no mundo em que vivem.

Sendo necessárias ações voltadas em especial para esse contingente de crianças que se acham em situação de abrigo, no país, é preciso, por outro lado, que tais ações sejam regidas por princípios que contrariem a lógica monológica que preside a maioria das intervenções envolvendo esses públicos. Crianças e adolescentes em situação de abrigo requerem uma mediação diferenciada daquilo que pode comumente ser observado no dia a dia da maioria das instituições que as acolhe, necessitam de ações inscritas em tecidos orgânicos no qual cada ator cria a si mesmo, ao mesmo tempo em que se relaciona e atua na criação do outro.

Nesse caso a aplicação da metodologia colaborativa foi imprescindível tanto para compreender o objeto teórico – formulado, articulado e constituído na complexidade dos saberes; quanto o empírico – propostas, decisões, articulações e diálogos envolvendo a complexidade do campo onde a pesquisa se realiza e a complexidade teórica dos saberes envolvido.

## **A mediação**

Podemos entender a mediação como: uma *ação* que envolve partes distintas e independentes; desse modo se apresenta como *autônoma* dentro de uma interlocução ou de uma interação *que acontece* no "*entre*", seja entre os membros de uma comunidade, seja entre um indivíduo e uma interface numa rede digital. Nessas interações as partes se constituem, mas também a própria mediação é alimentada, atualizada nas linguagens e ações aí envolvidas. Nota-se que a mediação se dá essencialmente em linguagens que estabelecem e restabelecem laços de sociabilidade, constituindo assim o mundo da vida. A mediação, portanto, provém de uma necessidade de se comunicar de se fazer conhecido, ação de um trabalho, que envolve um conjunto de elementos orgânicos e inorgânicos. O conceito de mediação cultural se constitui e constitui como "(...) um conjunto de elementos de diferentes ordens (material, relacional, semiológica) que se interpõem e atuam nos processos de significação." (PERROTTI, 2007, p. 84) Portanto, tal conceito se relaciona a outros, tais como o de *dispositivo* e o de *protagonismo cultural*.

Essa abordagem pode ser verificada no próprio desencadear da mediação, quando em diálogos, percebemos a necessidade de instigar, de provocar curiosidades, e responder de maneira que não se encerre a questão. Trata-se, neste momento, de alimentar repertórios na tentativa de criar vínculos com as "*coisas intelectuais*" [3] – um vínculo cultural – ao mesmo tempo em que vão se constituindo elos de diferentes naturezas entre os sujeitos sociais.

## **A cultura**

Diante da complexidade dessa palavra, Raymond Williams aproxima os sentidos antropológico e sociológico definindo cultura como:

(...) 'modo de vida global' distinto, dentro do qual percebe-se, hoje, um 'sistema de significações' bem definido não só como essencial, mas como essencialmente envolvido em *todas* as formas de atividade social, e o sentido mais especializado, ainda que também mais comum, de cultura como 'atividades artísticas e intelectuais', embora estas, devido à ênfase em um sistema de significações geral, sejam agora definidas de maneira muito mais ampla, de modo a incluir não apenas as artes e as formas de produção

intelectual tradicionais, mas também todas as 'práticas significativas' – desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade – que agora constituem esse campo complexo e necessariamente extenso. (WILLIAMS, 2000, p. 13)

É nesse sentido amplo e geral que entendemos o termo cultura, como um sistema de significações que se realiza por meio de linguagens, objetos, processos, procedimentos, modos de sentir, pensar e agir existentes sob múltiplas e variadas formas. Esse sistema de significações se constitui no jogo complexo das interações sociais.

A cultura contemporânea apresenta uma característica fundamental. Junto aos recursos tradicionais, serve-se crescentemente de formas de comunicação mediada por tecnologias. Com isso, a dimensão espaço temporal vem se alterando em nossa época. Por exemplo, a redução do tempo no circuito dos bens culturais altera o espaço e os modos de produção, de circulação e de acesso a tais bens.

Tais alterações têm implicações diretamente relacionadas à apropriação simbólica de bens culturais, pois, não sendo passiva em sua natureza, a apropriação cultural se concretiza mediante negociações simbólicas nem sempre fáceis de serem efetivadas, ou seja, impõe jogos, disputas, enfrentamentos, conflitos, diálogos, entre repertórios individuais e coletivos.

Embora a significação esteja 'na mente', ela se nutre da cultura. "É esta localização cultural dos significados que garante sua negociabilidade e, no final das contas sua comunicabilidade." (BRUNNER, 2001, p. 16) Portanto, a cultura fornece as ferramentas necessárias para o entendimento do mundo e, os diferentes contextos culturais explicam as diferenças nas formas de sua apropriação, da produção de significados, da construção de conhecimento e, conseqüentemente, do protagonismo diante dos eventos, situações, rotinas e fenômenos que a vida em sociedade e em comunidade nos apresenta.

Brunner, ao formular princípios para uma psicologia cultural, lembra que a proposição que versa sobre o contexto histórico e suas ferramentas não devem ser observadas a partir de uma visão determinista, uma vez que, "(...) predisposições mentais inerentes podem ser transcendidos recorrendo-se a sistemas simbólicos mais poderosos. (...)" (BRUNNER, 2001, p. 28) Podemos, assim, recorrer à linguagem, como instrumento decisivo ao conhecimento, e aportarmos em textos escritos. Por outro lado, a leitura de tais textos nos permite encontrar possibilidades de reinventar mundos, recriar realidades; pode ser também que

nessas relações com a leitura haja desencontros, desconstruções, ou ainda, a percepção de modelos, padrões e determinismos que se oferecem ora como um porto seguro, ora como verdadeiros obstáculos a uma vida mais significativa: .

## **A dialogia**

O ser humano se constitui e constitui o outro pela ação e pela linguagem, isto é, pelo diálogo com o outro e com o mundo. No entanto esse “se constituir”, social e individualmente está sempre no *por vir*, descortinando-se em dialogia no eu, na cultura, na linguagem, na rica textura da vida prosaica, do trivial ao surpreendente, implicando tanto *liberdade* quanto *responsabilidade*.

(...) A forma singular adequada para a vida humana autêntica *que se expressa verbalmente é o diálogo aberto*. A vida, por sua própria natureza, é dialógica. Viver significa participar de um diálogo: fazer perguntas, prestar atenção, responder, concordar e assim por diante. Nesse diálogo, uma pessoa participa totalmente e com toda a sua vida: com olhos, lábios, mãos, alma espírito, com todo o seu corpo e todas as suas ações. Ela investe todo o seu eu no discurso, e esse tecido entra no tecido dialógico da vida humana, no mundo do simpósio. (BAKHTIN, apud MORSON, 2008, p. 78)

No *mundo do simpósio*, trazemos uma abordagem por meio de diálogos, de parecerias constituídas no *caminhar junto* seja por meio de leituras, seja por meio de narrativas pessoais, ou mesmo no discorrer sobre acontecimentos do dia a dia. As relações dialógicas vão além de meras réplicas em um diálogo, trata-se de “(...) um fenômeno quase universal, a permear todo o discurso humano e todas as relações e manifestações da vida humana – em geral, tudo quanto tem sentido e significação.” (BAKHTIN, apud MORSON, 2008, p. 67)

Ora se buscamos a construção de significados; a apropriação simbólica de bens culturais e, a protagonização de seus atores envolvidos, então, buscamos por uma dialogia caracterizada pela *não-finalizabilidade*[1] e pela *responsabilidade*[2]. Nesse sentido a dialogia não pode ser entendida como um sistema, um fluxo, porque requer de cada ator envolvido a participação responsiva e lhe confere a liberdade de *ser-em-relação-ao-outro*, ou seja, *ser* em construção permanentemente no mundo que é o acontecimento. Essa situação dialógica não implica uma perda de individualidade, mas o reconhecimento mútuo da de cada um na relação.

No caso da *mediação cultural dialógica* em um abrigo, algumas questões relevantes se apresentaram e foram tomando corpo à medida que a pesquisa

avançava e, assim, constitui-se a proposta da personalização das ações nas oficinas de leitura, objetivando a troca e a nutrição de repertórios em busca da *protagonização* e da produção dos sujeitos ali envolvidos. Nesse sentido, a dialogia é essencial à ação que buscamos desenvolver na construção de parcerias para leituras e vivências culturais.

As ações se fazem na medida do caminhar, do caminhar junto, do estar *presente* no percurso. Nosso percurso, portanto, se dá em um abrigo para meninos e meninas de 00 a 18 anos no interior de São Paulo onde, à medida que a mediação cultural dialógica ia ocorrendo, termos relacionais foram surgindo e se apresentaram como um suporte teórico, histórico e operacional.

### **Dialogia e protagonismo**

A partir da concepção grega falamos em *protagonismo cultural* para nomear ações que se constituem, se definem e "(...) ganham significado tão somente na dinâmica viva e constante existente entre as forças do particular e do geral, do individual e do coletivo." (PERROTTI, 2007, p. 78). Nesses termos, o protagonismo, aqui referido deriva de uma abordagem cultural – de uma investida no âmbito da cultura para crianças e adolescentes em regime de abrigo a partir das oficinas de leitura que consideram tanto o aspecto do grupo, da coletividade como, e principalmente, o aspecto da individualidade, do particular e como veremos afinal da *singularização* do sujeito dentro do contexto sociocultural em que vive.

Assim, segundo tais termos, a mediação cultural é ela própria ação de protagonização dos envolvidos na ação. Fazer uma 'investida dialógica' é envolver-se com todo seu ser na interlocução cultural, é compartilhamento de questões e problemas. A partir do momento em que os envolvidos se dispõem ao diálogo, assumem uma obrigação, uma responsabilidade ética com os objetos de tratam, bem como com os participantes da interlocução.

### **A oficina de leitura**

Podemos afirmar que a *Oficina de leitura* é um lugar, um ambiente, mas também um *dispositivo* no qual parceiros se encontram e descobrem na leitura e nas ações desenvolvidas a partir dela, motivações e significações como possibilidades de se posicionarem de maneira crítica e produtiva diante de textos literários ou informativos, bem como das variadas modalidades de textos que perpassam as suas realidades, sejam estes orais, audiovisuais, gestuais, presenciais, eletrônicos, dentre outros.

As oficinas de leitura aqui propostas foram especialmente concebidas com o objetivo de conferir às crianças e aos adolescentes a oportunidade de exercitarem a protagonização cultural em suas relações com o patrimônio literário disponibilizado nas sessões que a compõem. Sendo assim, um conjunto de enunciados foi apresentado e descoberto nos mais diferenciados elementos que constituem o dispositivo. Desde a roupa, passando pela fala, aos objetos que se colocavam em cena, tanto para as crianças como para o mediador. As oficinas se propuseram, assim, como espaço de busca, de apropriação, de negociação e de protagonismo diante de manifestações culturais, demonstrando na prática a versatilidade e a dinâmica, agregando ao conceito de leitura a possibilidade de realizações da mediação cultural dialógicas.

A “mala de leitura” foi o ponta-pé inicial para as investidas, ela já trazia em si, o livro, a leitura e a oficina. De início, representava o espaço necessário, bastava abri-la e a oficina começava acontecer. Evidentemente, havia um preparo anterior dessa mala, eram imaginados quais seriam os pares com quem mediaría, quais livros e objetos deveriam compor a mala, que roupa o mediador deveria usar, se levaria jogos que dialogassem com livros, ou filmes que alimentariam outros repertórios...

A oficina de leitura é construída a partir de premissas embasadas na dialogia. No contexto do abrigo a dialogia é compreendida como uma dinâmica que relaciona e incorpora repertórios de diversas naturezas, intercambia espaços e tempos, busca a polifonia, no interior dos discursos que se entrecruzam.

Sendo assim, alguns elementos deverão ser pensados:

- a) Espaço e o tempo – colaboração de “meio ambiente”, ou seja, envolver parceiros de leitura;
- b) Utilizar a *metodologia colaborativa*;
- c) Deverá ser realizada com *pares* (quando não houver a possibilidade da individualização) compostos por indivíduos se identificam entre si;
- e) Deverá estar aberta a modificações de planos a qualquer momento;
- f) Contar com um acervo físico e simbólico representado nas memórias todos atores envolvido;

## A leitura

Nos processos dialógicos entre texto e leitor, encontramos este abrindo caminhos à ponderação dos desafios que a vida propõe. Importante ressaltar aqui que não utilizamos a leitura como meio ou função, tendo a *leitura funcionalista – ler para...*, mas reconhecemos na leitura um lugar, um porto de onde se parte ou onde se aporta e, por ser e estar em um lugar, é necessário haver um posicionar. Esse posicionar do sujeito do conhecimento possibilita-lhe exercer um ponto de vista a partir de uma situação concreta, ou seja, o ato de conhecer é perceptivo e particular.

O leitor se constitui como sujeito e também como *lugar* dos acontecimentos, do conhecimento empírico, como uma instância dentro de um processo discursivo, cuja complexidade revela, no compreender do vivido, uma dinâmica entre corpo (experiência espaço-temporal) e cultura (portadora da história, das significações sedimentadas e *por vir*).

Nesse vivido, nessa placenta do mundo onde nos constituímos é onde a escrita nos assalta, permeando caminhos, dando sentido a eles, mostrando e indicando. Como viver sem ela? Como se construir fora desse patamar? Assim a escrita chega aos olhos da criança e do adolescente em situação de abrigo, andando pelas ruas, através da escola (textos escolares) e da biblioteca escolar (quando existente), através de padrinhos que visitam a Instituição; ou ainda através de um pequeno acervo que esta possa ter. A ida à Biblioteca Pública ou a Centros de Cultura é uma das limitações das crianças e dos adolescentes institucionalizados. No caso de haver uma Biblioteca ou um canto de leitura no Abrigo esta necessidade será atendida, e mais, o livro a ser lido poderá ser levado para o espaço escolhido pela criança a fim de estar a sós com sua leitura.

O sujeito que se apropria simbolicamente do texto com o seu olhar, estará a sós com a escritura e nessa solidão dialógica, travará batalhas consigo, com os personagens, com o autor, viajará por terras, transpondo fronteiras, ceifando em campos nos quais não plantou. Esse viajante ainda se irritará, se alegrará e retornará ao seu contexto, necessariamente, modificado.

Nosso viajante aqui não retornará se não for e, para ir, para buscar é imprescindível o "*onde*" e "*por onde*", em uma palavra: acesso. No caso desse Abrigo no interior de São Paulo, a questão do acesso também é relevante, porque as vias estão bloqueadas para os poucos recursos culturais existentes na cidade, além do que a própria estrutura do Abrigo já traz consigo algumas obstruções.

Por conta dessas dificuldades – falta de recursos e dificuldades no acesso; foi que se pensou em oficinas de leitura tanto como uma abordagem como, ela mesma uma construção em conjunto com as crianças e adolescentes a partir da mala de leituras. Essa aproximação vai ao encontro do dialogismo, termo que norteia todas as ações aqui envolvidas.

(...) O que 'constitui minha autoconfiança interior, fortalece minhas costas, ergue minha cabeça e dirige meu olhar para frente' é o conhecimento de que 'o verdadeiro centro de gravidade de minha autodefinição está no futuro' e sempre há de estar no futuro. (MORSON, 2008, p. 210, citando Bakhtin)

A dialogia nos remete ao encontro, à vida, ao movimento, ao contínuo, a um presente imbricado em memória remetendo ao futuro.

### **Crianças Institucionalizadas: por uma dialogização**

A perda de referências familiares, sociais e culturais é um campo fértil para a constituição de esquemas de identidades frágeis, os quais acabam por corroborar o sentimento de exclusão e conseqüentemente à marginalização.

O desenvolvimento da criança e do adolescente se dá em variados contextos, e isto não é diferente para as crianças que estão em situação de abrigo. Observa-se uma crescente mobilização para extrair estereótipos e estigmas que foram sedimentando ao longo da história da infância no Brasil, marcas essas que acompanham as crianças em todas as suas redes de relacionamentos. Uma dessas marcas é o conceito de "menor", diferentemente de criança, ou seja, aquele ser tratado como alguém "(...) sem desejos e vontades, objeto de ações religiosas e políticas. (...)" (SOUZA NETO, 2001, p. 94).

Nesse sentido, para que as crianças e adolescentes não se sintam estigmatizados quando de suas acolhidas no abrigo – instituição fechada, onde hábitos e costumes devem obedecer e estar conformados a uma disciplina de horários e de conteúdos da maioria, se torna importante uma atenção às necessidades e demandas de cada uma delas, na medida do possível.

Temos, assim, na dialogia uma réplica à massificação e a toda sua empresa, sem contanto negá-las, seja ela o protagonismo forjado no cotidiano, na rotina e, por

outro lado, na aventura que eles trazem ou impõem ao movimento do cotidiano com suas imbricações e seus desemboques.

Nesse sentido a mediação cultural dialógica se propõe como uma co-construção, uma parceria colaborativa e, a partir das oficinas de leitura, resgatar memórias, trazer e receber outras concepções de pensamentos, outras culturas e multiplicar as possibilidades da vida enquanto se “troca figurinhas” e, nesse trocar, reconhecer, desenvolver e, dialogar no sentido *bakhtiniano*, um diálogo que pode ser interrompido, mas que continua em andamento, no qual “*Ser* significa *comunicar-se*”, (MORSON, 2008, p. 68) “Ser meio para outro, e através do outro para si mesmo. Uma pessoa não tem território interno soberano, está sempre e totalmente na fronteira; olhando para dentro de si mesma, ela olha *nos olhos do outro* ou *com os olhos do outro*.” (MORSON, 2008, p. 68) Uma mediação assim envolve a redefinição constante de seus participantes, de seus dispositivos, cria e descobre potenciais em *cada* um deles, e, *entre* eles. Retoma fatos do passado re-significa-os, estabelece conexões, pressupõe continuidade e por ter como princípio a *personalização*, requer responsabilidade em toda essa relação.

### **Considerações finais**

Tendo em vista a heterogeneidade e a fluidez do grupo que o contexto de abrigo nos apresenta e, apesar dessa heterogeneidade se apresentar como uma riqueza quanto às diferenças por conta das experiências trazidas no bojo da vida de cada um, uma necessidade, no entanto, se colocou no momento das oficinas de leitura, seja ela: A de se expressar individualmente. Nesse momento, surge a figura de um “*elemento desestruturador*”, que desvia a atenção do grupo para si. Assim, as oficinas e, portanto, a mediação cultural se mostrava invíavel. Além disso, e, entendendo que a apropriação é uma questão individual; e que todo “(...) valor geralmente significativo só se torna efetivamente significativo num contexto individual.” (MORSON, 2008, p. 149) foi que aportamos no conceito de *mediação cultural dialógica*. Evidentemente, muitas outras questões, conceitos e procedimentos daí surgiram, mas o que ficou evidente por pares encontrou justificativa.

### **Referências**

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente* (1990): Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001. Disponível em: <<http://apache.camara.gov.br/portal/arquivos/Camara/internet/publicacoes/estatu-tocrianca.pdf>> Acesso em: 23 de jul. 2005.

BRUNNER, Jerome. *A cultura da educação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France* (1981-1982). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. São Paulo: EDUSP, 2008.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M.; FUJINO, A.; NORONHA, D. P. (Org.). *Informação e contemporaneidade: perspectivas*. Recife: Néctar, 2007. p. 47-96.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: 34, 2008.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Dicionário breve da informação e da comunicação*. Lisboa: Presença, 2000.

SILVA, Enid Rocha da; MELLO, Simone Guerese de. Contextualizando o "Levantamento nacional dos abrigos para crianças e adolescentes da rede de serviços de ação continuada". In: **PEA**. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/direitoconvivenciafamiliar\\_/capit1.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/direitoconvivenciafamiliar_/capit1.pdf)> Acesso em: 10 set. 2008.

SOUZA NETO, João Clemente de. *O abrigo como amparo para o sonho*. São Paulo: Arte impressa, 2001.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

---

[1] "(...) inovação, 'surpreendência', o genuinamente novo, abertura, potencialidade, liberdade e criatividade. (...)" (MORSON, 2008, p. 55)

[2] "O conceito de responsabilidade precisa ser recambiado, do campo da ética especializada, de um 'dever' que flutua livremente no ar, para o domínio da vida vivida. Responsabilidade genuína só existe onde existe o responder verdadeiro." (BUBER, 2007, p. 49)